

VIOLÊNCIA E DISTANCIAMENTO: A QUESTÃO DA ALTERIDADE NO CONTO O OUTRO, DE RUBEM FONSECA

VIOLENCE AND DISTANCING: THE QUESTION OF ALTERITY IN THE TALE THE OTHER, BY RUBEM FONSECA

Mauro Lopes Leal¹
 Graduado em Letras
 Universidade Federal do Pará
 (maurolleal2@gmail.com)

RESUMO: O artigo tem por objetivo abordar a problemática da violência e do distanciamento que se perfazem na relação entre o “eu” e o “outro”, a partir da leitura do conto *O outro*, de Rubem Fonseca. Na referida obra nos confrontamos com a relação incomum, porque imposta, que se estabelece entre um executivo e um pedinte, relação essa pautada pela situação de miséria na qual se encontra o primeiro, que acredita ver no segundo, e nas esmolas que esse lhe oferece, a solução para os seus problemas, talvez por acreditar que o executivo tem a obrigação de ajudá-lo; e pela postura de incômodo e medo que passa a preencher a vida deste, uma vez que os pedidos passam a ser cada vez mais constantes e ameaçadores. Instaura-se, desse modo, uma relação conflituosa entre o “eu” e o “outro”, a qual vai gerar um desfecho de violência. Utilizar-se-á como fundamentação teórica para a análise do referido conto, comentadores como Zygmunt Bauman, Homi Bhabha, dentre outros, com o propósito de explicitar de que modo se constrói, na obra de Rubem Fonseca, a questão da alteridade associada à violência.

Palavras-chave: Violência; Distanciamento; Alteridade.

ABSTRACT: The article aims to address the problem of violence and distancing that amount the relationship between the "I" and the "other" from the reading of the tale *The other*, by Ruben Fonseca. In that work we are faced with the unusual relationship, because it is imposed, that is established between an executive and a beggar, a relationship marked by the extreme poverty in which it is the first, who believes to see in the second and in the alms offered, the solution of his problems, perhaps believing that the executive has the obligation to help him; and the uncomfortable posture and fear passing to fill his life, since the applications become increasingly constant and threatening. He established thereby an adversarial relationship between the "I" and the "other", which will generate an outcome of violence. It will be used as theoretical basis for the analysis of this tale, commentators as Zygmunt Bauman, Homi Bhabha, among others, in order to explain how it is build in the Rubem Fonseca's work, the issue of otherness associated with violence.

Keywords: Violence; Distancing; Otherness

Introdução:

A relação que se estabelece entre o “eu” e o “outro” perpassa inúmeros desdobramentos, os quais redundam em zonas fronteiriças bastante peculiares que pairam entre aceitação e conflito. O outro pode ser interpretado tanto pelo viés representativo, no qual se identifica com o eu, quanto pela esfera da diferença, a

¹ Mestrando em Letras

saber, o outro tomado por si mesmo, as quais, segundo Gallo (2008, p. 2) configuram-se enquanto as duas perspectivas filosóficas através das quais é possível elucubrar sobre alteridade.

No instigante conto intitulado **O outro**, de Rubem Fonseca, a questão da alteridade é atravessada igualmente por dois aspectos muito significativos: a violência e o distanciamento. O autor nos propõe tal reflexão no momento em que entrelaça os caminhos de dois personagens aparentemente distintos, mas que representam, em suma, a possibilidade de se pensar o outro a partir de si mesmo. As temáticas da violência e distanciamento se fazem presentes de forma marcante no referido conto, sendo as mesmas, de acordo com Monti (2011, p. 5) características indeléveis do conjunto da obra de Rubem Fonseca.

Assim, intenta-se suscitar, por meio da interpretação do conto **O outro**, uma análise que leve em consideração os aspectos inerentes à escrita de Rubem Fonseca, conforme enunciado acima, considerando também os conflitos sociais e os valores subjacentes a sociedade moderna, especialmente aqueles relacionados aos mecanismos de poder que incutem medo e a violência nos indivíduos.

Uma reflexão em torno das tensões entre o “eu” e o “outro”

Na sociedade moderna, cujos valores cultuados voltam-se para um individualismo mais consistente, centrada na disputa entre indivíduos, cujo vencedor é aquele que melhor salário possui, que ostenta o carro mais caro, que veste as melhores roupas das grifes mundialmente conhecidas etc., apresenta-se uma realidade injusta e inegavelmente desigual. Aquele homem dito vencedor, conforme a mentalidade sustentada em nossos dias atuais, e que se encontra, portanto, no topo da hierarquia social, representa a ideologia da possibilidade de sucesso, da ascensão social, da conquista por mérito próprio. Seria esse pensamento absolutamente verdadeiro? Possivelmente, para cada dito “vencedor”, temos centenas de miseráveis, cujo despojamento das chances de uma existência ao menos digna lhes são furtadas de modo cruel e injusto, uma vez que a desigualdade parece ser a lógica que rege os fundamentos da sociedade contemporânea moderna, fundamentada, conforme Faoro, no dinheiro:

Uma sociedade de classe em plena expansão, cifrada, nas mãos gloriosas dos banqueiros, nos prósperos comerciantes, nos

capitalistas donos de rendas, nos senhores donos de terras e de escravos. O dinheiro é a chave e o deus desse mundo, dinheiro que mede todas as coisas e avalia todos os homens (FAORO, 1976, p. 14).

Frisa-se, entretanto, que tanto o detentor do poder financeiro quanto o desprovido são apenas peças no maquinário capitalista que privilegia alguns poucos e conduz outros a pensarem que também fazem parte desse mecanismo de aparente sucesso social:

O dinheiro tem um valor abstrato e, por isso, detém o poder de encobrir todas as demais relações existentes nas mercadorias. Os seres humanos transformam-se em meros serviçais do capital; na verdade, eles se tornam objetos mediadores entre o dinheiro e os objetos a serem comprados (BOGO, 2010, p. 13).

A literatura, cujo papel não é somente de entreter, mas também de conduzir a um posicionamento crítico e reflexivo, expõe de modo contundente em diversas obras, de variados escritores do mundo inteiro, essa realidade que distingue arbitrariamente os homens em vitoriosos e derrotados. No conto *O outro*, do escritor mineiro Rubem Fonseca, tem-se um dos claros exemplos dessa demonstração dos mecanismos norteadores da sociedade.

No referido conto temos o conflito no que se refere à alteridade, o contato conflituoso com o outro, cujas perspectivas centram-se em raciocínios próprios que se digladiam naturalmente, uma vez que de um lado posiciona-se o opressor, que muitas vezes nem reconhece que exerce tal papel na sociedade, e do outro o oprimido, cuja realidade é muitas vezes permeada de uma ausência de perspectiva que o induz a atos extremos para a manutenção da sua subsistência.

Ao homem de sucesso, nascido em família abastada, falar em possibilidades de crescimento é algo bastante factível, contudo, do outro lado, por assim dizer, temos o indivíduo que, desassistido muitas vezes pelo poder estatal, sem a vantagem do poder econômico, é forçado a inserir-se em uma busca por uma subsistência que se caracteriza por sacrifícios e destituição da sua condição de cidadão e de homem. Aos que reviram nas latas de lixo o que comer, aos que furtam pães ou latas de leite em supermercados, aos que se submetem à mendicância, ou à criminalidade, dentre outras situações extremas, tem-se as qualificações mais negativas possíveis: a de vagabundo, preguiçoso, do chamado “vida mansa” que não quer trabalhar e prefere pedir a arrumar um emprego. Temos estes que

retratam claramente a visão que a maioria das pessoas nutrem em relação a esse outro excluído, não merecedor de complacência ou auxílio por estar em tal situação degradante por vontade própria, como raciocina a massa. Dessa forma, é estabelecida uma distinção, entre homens, o rico e o pobre, que Bauman sintetizou através da imagem do turista e do vagabundo:

Mas o vagabundo é o *alter ego* do turista – exatamente como o miserável é o *alter ego* do rico, o selvagem o *alter ego* do civilizado, ou o estrangeiro o *alter ego* do nativo. Ser um *alter ego* significa servir como um depósito de entulho dentro do qual todas as premonições inefáveis, os medos inexpressos, as culpas e autocensuras secretas, demasiadamente terríveis para serem lembrados, se despejam; ser um *alter ego* significa servir como pública exposição do mais íntimo privado, como um demônio interior a ser publicamente exorcizado, uma efígie em que tudo o que não pode ser suprimido pode ser queimado. O *alter ego* é o escuro e sinistro fundo contra o qual o eu purificado pode brilhar (BAUMAN, 1998, p. 119).

Adentra-se com esse debate em várias questões que permeiam, conscientemente ou não, as ideologias nutridas no seio social: a da produtividade, a da aparência, a da racialidade etc., que instauram no pensamento da grande maioria preconceitos que se reforçam mediante a marginalização do indivíduo. Em **O Outro** se percebe tais elementos, mas de forma discreta e sensível, sem, contudo, abrir mão, por exemplo, da crueldade que se instaura nas relações sociais que são efetuadas cotidianamente.

O referido conto, escrito em primeira pessoa, trata da história de um executivo, que tem uma vida atribulada, alimenta-se mal, não possui vida social e ainda leva trabalho para casa.

Como todo executivo, eu passava as manhãs dando telefonemas, lendo memorandos, ditando cartas à minha secretária e me exasperando com problemas. Quando chegava a hora do almoço, eu havia trabalhado duramente. Mas sempre tinha a impressão de que não havia feito nada de útil (FONSECA, 2004, p.221).

Percebe-se, portanto, nessa personagem o típico homem de negócios, que prioriza sua função profissional, colocando-a acima de outros fatores, como o do próprio bem-estar. A questão do trabalho é bastante significativa, pois se percebe que tal personagem não é um simples assalariado, mas um indivíduo que exerce uma importante função na sua empresa. Logo, não se tem a imagem do humilde

trabalhador, que sobrevive com um ou dois salários mínimos, mas alguém que ocupa um elevado cargo, o qual não pode ficar sem sua atenção. Entretanto, essa excessiva importância dada ao trabalho reflete-se negativamente na sua saúde:

Um dia comecei a sentir uma forte taquicardia. Aliás, nesse mesmo dia, ao chegar pela manhã ao escritório surgiu ao meu lado, na calçada, um sujeito que me acompanhou até a porta dizendo "doutor, doutor, será que o senhor podia me ajudar?". Dei uns trocados a ele e entrei. Pouco depois, quando estava falando ao telefone para São Paulo, o meu coração disparou. Durante alguns minutos ele bateu num ritmo fortíssimo, me deixando extenuado. Tive que deitar no sofá, até passar. Eu estava tonto, suava muito, quase desmaiei (Ibid, p.221-222).

O mal-estar, portanto, configura-se como uma quebra na rotina da referida personagem. O esgotamento físico, o estresse, o cotidiano cansativo, são características de tais indivíduos, que muitas vezes precisam sacrificar-se para a manutenção de um *status* de vida. No excerto acima temos também a inserção de um segundo elemento, de significativa importância, na narrativa: o pedinte. Será esse sujeito que estabelecerá com o narrador uma relação de conflito que se estenderá até o fim da narrativa. Nota-se que ele trata o narrador por "doutor", o que já demonstra um indício de distinção social. "Doutor" é um termo muito utilizado por indivíduos de classe ou situação financeira menos privilegiada quando em contato com outros indivíduos de considerada situação social elevada. Criam-se, assim posto, os estereótipos, que Bhabha definiu:

O estereótipo não é uma simplificação porque é uma falsa representação de uma dada realidade. É uma simplificação porque é uma forma presa, fixa, de representação que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite), constitui um problema para a *representação* do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais (BHABHA, 2004, p. 117).

Tanto o "doutor", quanto o pedinte, parecem aceitar a representação dos estereótipos que ambos estabelecem entre si, em um primeiro plano, ou seja, daquele que detêm e aquele que é desprovido de recursos. A relação que se estabelece entre os dois, já é, inicialmente, de distinção, de diferença, mas não em um sentido possível pelo contato entre indivíduos fisicamente diferentes, mas com base em fatores que os colocam em patamares distintos socialmente, culturalmente e/ou ideologicamente.

Percebe-se que ambos estão ocupando o mesmo espaço público, a calçada, mas isso não os coloca em posição de igualdade, o que demonstra indiretamente uma faceta da lógica urbana e social como um local democrático, mas tal democracia se mostra parcial ou invalidada quando se compreende que ambos os homens pertencem a níveis sociais distintos, deixando entrever, desse modo, que a democracia e o compartilhamento do espaço público naquele momento efetuam-se de modo bastante diverso para ambos: um está em busca de um médico, pois não se sente bem, o outro está mendigando.

Nessa mesma tarde fui ao cardiologista. Ele me fez um exame minucioso, inclusive um eletrocardiograma de esforço, e, no final, disse que eu precisava diminuir de peso e mudar de vida. Achei graça. Então, ele recomendou que eu parasse de trabalhar por algum tempo, mas eu disse que isso, também, era impossível. Afinal, me prescreveu um regime alimentar e mandou que eu caminhasse pelo menos duas vezes por dia (FONSECA, 2004, p. 222).

Ao ter o seu cotidiano alterado, a personagem viu-se forçado a diminuir o seu ritmo de trabalho. Adentra-se aí outra característica bastante comum não somente a indivíduos bem sucedidos, mas a qualquer um que exerça uma função por longo tempo e cotidianamente: o costume. Não se pode entrever na personagem indícios de ganância ou semelhante característica que venha a ter relação com o seu trabalho ou o seu desejo pessoal de continuidade de ganhos monetários. Logo, analisa-se a sua situação, a sua negação em tentar diminuir o ritmo da sua vida, como algo que já fazia parte do seu cotidiano, das tarefas diárias que deveria exercer.

É a partir dessa mudança que se inicia o conflito propriamente dito entre tal personagem e o outro, o pedinte, que encetará um contato baseado na dependência financeira. A questão das identidades é outro ponto a ser ressaltado nesse conto. O “eu” e o “outro” coexistem de modo, muitas vezes, equidistantes, uma vez que o “eu” equivale ao “outro” para o olhar de outra pessoa, e vice-versa. Essa reciprocidade que se estabelece mostra-se igualitária somente no que se refere ao olhar de um sobre o outro, mas é na representação desse olhar que se efetiva a diferença, pois o “outro” jamais será o “eu”. Essa diferença, bastante evidente, encerra em si elementos que perpassam por diferentes interpretações que se efetuam em relação ao outro: alto, magro, rico, inteligente, egoísta, fanático,

agressivo, ingênuo etc., todas as possibilidades de julgamento possíveis são estabelecidas, de forma consciente ou não, quando se entra em contato com o outro. Este que será “elaborado” a partir da visão daquele que o vê. Se for alguém de inclinação religiosa extrema, por exemplo, verá no outro, que não crê em nenhuma divindade superior, um indivíduo perdido, malévolo, infeliz, amaldiçoado, mesmo sem o conhecer. É estabelecido aí, um olhar permeado de preconceitos que servem para moldar a visão que se cria do outro. A questão envereda, dessa forma, em possibilidades que não convergem para a adequação, compreensão ou assimilação, como explica Eurídice Figueiredo, através de Landowski:

Segundo Eric Landowski (2002), a sociedade majoritária, chamada de “grupo de referência”, parece querer preservar sua integridade, imagem de um NÓS hipostasiado, criando diversas estratégias para se distinguir dos “diferentes”, dos “Outros”, sob uma aparência de não discriminação. Segundo Landowski, a sociedade majoritária pode exercer com seus Outros a exclusão ou a assimilação, mas em ambos os movimentos se percebe o não reconhecimento da Alteridade pois ou se exclui (exclusão) ou transforma-se o Outro no Mesmo (assimilação). O reconhecimento só se daria na aceitação, pura e simples. A diferença que existe entre o grupo de referência e os outros não é de ordem ontológica porque, afinal, todos são homens; há, antes, diferenças posicionais, relacionais, em que se pode valorizar aspectos genéticos, dada cultura ou religião. Mas ela tende a converter-se, no plano empírico, numa série de oposições substanciais, porque algumas características são valorizadas, acentuadas (FIGUEIREDO, 2010, p. 151-152).

Assim posto, percebe-se que os conflitos muitas vezes são inevitáveis e até, considerado por muitos, naturais quando olhares diversos, baseados em imagens próprias, se cruzam, em pré-julgamentos que, não raro, pouco condizem com a realidade deste ou daquele indivíduo: as roupas, a forma física, o modo de falar, se expressar, isto e muito mais, interligam-se para uma concepção do outro que não se baseia na assimilação do que vem a ser o outro, mas apenas em uma imagem montada a partir de crenças e conceitos particulares.

Essa relação, em uma sociedade marcada atualmente pelo distanciamento, parece acentuar tais preconceitos. O mundo atual, globalizado, cuja característica é o contato imediato e a troca instantânea de informações, aparentemente aproximou o homem do seu semelhante. Mas essa ligação se efetuou de forma superficial e inconsistente, pois entrar em contato com o outro muitas vezes não significa conhecê-lo, se não houver uma flexibilidade de

pensamento, de postura, correndo-se o risco de, mantendo-se irredutível quanto a certas opiniões, cair na intolerância, o que, em alguns casos, resulta em violência.

A agressão, a ofensa, o desrespeito ao outro se concretiza porque muitos homens se fecham em uma realidade particular, de lógica própria, que não se altera facilmente. Homens matam em nome de Deus porque o outro é visto como pecador; homens escravizam por não enxergarem o outro como seu semelhante; homens destroem porque o outro se tornou, simplesmente, seu inimigo. A lógica que se estabelece no contato do “eu” com o “outro” é bastante frágil e, por isso, pode ser desfeita, ou nem chegar a se concretizar, resultando em polos que se mostram antagônicos, mas não apenas isto, como é o caso do narrador em relação ao mendigo de **O Outro**:

No dia seguinte, na hora do almoço, quando fui dar a caminhada receitada pelo médico, o mesmo sujeito da véspera me fez parar pedindo dinheiro. Era um homem branco, forte, de cabelos castanhos compridos. Dei a ele algum dinheiro e prossegui (FONSECA, 2004, p.222).

O mendigo é caracterizado pelo narrador, ou seja, pelo “eu” da narrativa como um homem branco, forte, de cabelos castanhos compridos. Essa caracterização já possibilita determinadas inferências que são significativas: o homem é forte, o que indica saúde e possibilidade de conseguir emprego. Mas por que tal homem robusto não se encaminha para a inserção no campo do trabalho? Por que prefere pedir, sujeitando-se à benevolência alheia? É comum ouvir expressões como “é jovem, por que não trabalha?” ou “tem saúde, não quer trabalhar porque é preguiçoso” referendando-se a indivíduos excluídos socialmente. Para não se afastar todas as possibilidades, há de existir tais tipos, contudo, dada a complexidade das relações humanas e a dinâmica social de inserção à sociedade, partimos do princípio, para a confecção deste trabalho, que muitos desses indivíduos se encontram em tais situações de precariedade por não terem conseguido corresponder às expectativas da sociedade quanto ao mínimo de instrução e orientação. A falta de uma política de orientação por parte do governo em relação a essa parcela da população também é relevante, mas não se quer aqui adentrar no campo do assistencialismo governamental, ressalta-se apenas que é

deficitário e, quando existe, não consegue abarcar a grande quantidade de desassistidos.

A mendicância, portanto, torna-se uma prática comum a alguns menos favorecidos. É preciso salientar aqui que não se está estabelecendo uma distinção entre ricos e pobres, como se ambos se encontrassem em uma espécie de disputa pela manutenção de seus privilégios ou o anseio de se conquistar melhorias sociais e pessoais, respectivamente. Observa-se aqui o plano das desigualdades pelo viés de uma cultura estabelecida pelos órgãos mantenedores desse sistema, cuja responsabilidade em grande parte é do governo. Um claro exemplo de como ações governamentais podem ou não diminuir os níveis de desigualdade é o investimento em setores essenciais, como a educação pública. Não existindo o devido incentivo em tal setor, ou se o mesmo for precário, sentem-se as consequências de modo direto: indivíduos sem preparo para ingressar no campo de trabalho, educação deficitária que não permite um aprimoramento e crescimento pessoal e profissional, baixa remuneração quando se consegue um emprego, perda de oportunidades por não corresponder aos requisitos necessários para exercer determinada função. Essas e outras consequências são sentidas por uma expressiva parcela da população, que Bauman denominou de “supérfluas”, forçadas a se resignar a uma vida de privações e miséria.

As pessoas *supérfluas* estão numa situação em que é impossível ganhar. Se tentam alinhar-se com as formas de vida hoje louvadas, são logo acusadas de arrogância pecaminosa, falsas aparências e da desfaçatez de reclamarem prêmios imerecidos – senão de intenções criminosas. Caso se queixem abertamente e se recusem a honrar aquelas formas que podem ser saboreadas pelos ricos, mas que, para eles, os despossuídos, são mais como veneno, isso é visto de pronto como prova daquilo que a “opinião pública” (mais corretamente, seus porta-vozes eleitos ou auto-proclamados) “já tinha advertido”- que os *supérfluos* não são apenas um corpo estranho, mas um tumor canceroso que corrói os tecidos sociais saudáveis e inimigos jurados do “nosso modo de vida” e “daquilo que respeitamos” (BAUMAN, 2004, p.55).

No conto **O Outro**, observa-se o conflito entre dois homens a partir do momento em que ambos se posicionam em ângulos diversos um dos outros. A questão da distinção social é fundamental para que cada um estabeleça uma visão particular sobre o outro: o homem forte que não quer trabalhar e por isso carente de

recursos monetários e o “doutor”, que detém o poder financeiro. O conflito se estabelece no momento em que o primeiro vê no segundo uma forma de atenuar sua situação miserável, o que irá gerar atritos, pois o segundo não se vê na obrigação de auxiliar o primeiro.

Na hora do almoço o mesmo sujeito emparelhou comigo, pedindo dinheiro. "Mas todo dia?", perguntei. "Doutor", ele respondeu, "minha mãe está morrendo, precisando de remédio, não conheço ninguém bom no mundo, só o senhor." Dei a ele cem cruzeiros (FONSECA, 2004, p.222).

Com a insistência do pedinte, o narrador já demonstra certo incômodo. Nota-se que o contato entre ambos se torna mais denso. O pedinte, que na primeira vez que interpelou o personagem-narrador não tinha um rosto, não possuía importância, agora tem características próprias, é alguém, tem uma história de vida, tem uma mãe doente. Geralmente no contato com o outro no nosso dia a dia, as circunstâncias da sua vida, suas preocupações, anseios e desejos em nada interessam a quem os ouve, na maioria das vezes. Os problemas do “outro” não interessam ao “eu” por este se encontrar acostumado a ver o mundo a partir de si, ou seja, se não houve problema algum consigo, não importa se os demais se encontram em situação contrária.

A empatia que o homem acredita sentir pelo outro é imposta, o amor cristão pelo outro se mostra, na maioria dos casos, apenas dissimulação ou máscara. Usam-se máscaras no decorrer de um simples dia, seja na escola, no trabalho, no ônibus, na rua, a todo o momento o homem está sendo alguém que de fato não é. Sua aparência é o que conta para si. Demonstrar pena diante de uma determinada situação de angústia para com o outro é o exigido nesses momentos. Agir contrário a isso é ir de encontro aos valores estabelecidos de piedade e comiseração que se deve sentir diante do sofrimento alheio. Evidentemente que isto não é uma regra, mas se percebe essa postura em certos comentários, como por exemplo, há um assalto em um ônibus e a grande maioria tem seus pertences furtados. Uma pessoa que não foi assaltada dirá que “teve sorte, graças a Deus!”. É nesse momento que o “eu” se revela em relação ao “outro”. O filósofo alemão Nietzsche considerava o cristianismo uma religião antinatural, pois muitos preceitos impostos pela religião cristã eram insustentáveis. O “dar a outra face”, o amor

incondicional em relação ao outro como a si mesmo, estas e outras ideologias mostram-se impraticáveis em um mundo no qual o “eu” não se coloca no lugar do “outro”.

É o que o narrador-personagem do conto faz. Seu interesse em relação ao homem que o aborda é nulo. Dá o dinheiro, cem cruzeiros, porque se vê forçado, é compelido por valores que são propagados na sociedade, mas que parece não fazer parte do seu pensamento particular. Talvez ajude não por benevolência, mas o faz como um gesto mecânico, ou talvez para angariar pontos positivos para si no que concerne à visão teológica de que há um Deus olhando para as ações dos homens e que os bons terão um lugar ao Seu lado no fim dos tempos. Fica-se aqui no plano das conjecturas, pois o próprio narrador não oferece mais indícios do que se passa no seu interior até o momento.

Mas a situação entre ambos se torna mais complexa e conflituosa no decorrer do conto. A insistência do pedinte faz com que o narrador se fixe em um estado de coerção:

Durante alguns dias o sujeito sumiu. Um dia, na hora do almoço, eu estava caminhando quando ele apareceu subitamente ao meu lado. "Doutor, minha mãe morreu". Sem parar, e apressando o passo, respondi, "sinto muito". Ele alargou as suas passadas, mantendo-se ao meu lado, e disse "morreu". Tentei me desvencilhar dele e comecei a andar rapidamente, quase correndo. Mas ele correu atrás de mim, dizendo "morreu, morreu, morreu", estendendo os dois braços contraídos numa expectativa de esforço, como se fossem colocar o caixão da mãe sobre as palmas de suas mãos. Afinal, parei ofegante e perguntei, "quanto é?". Por cinco mil cruzeiros ele enterrava a mãe. Não sei por que, tirei um talão de cheques do bolso e fiz ali, em pé na rua, um cheque naquela quantia. Minhas mãos tremiam. "Agora chega!", eu disse (*Ibid*, p. 222).

Salienta-se a atualidade do conto, que desvela a sociedade atual, que por sua vez se baseia na individualidade, que premia os mais capacitados e marginaliza os chamados fracassados. A violência, nesse cenário, se torna algo esperado. Os que nada ou pouco possuem tentarão angariar algo com aqueles que possuem, seja de forma pacífica, pedindo, implorando, ou tentarão outro caminho, o da força, o da violência. Rouba-se, muitas vezes, não por fome ou por miséria, mas para se tentar ingressar em um patamar social ao qual o agora criminoso havia sido excluído. O dinheiro do furto, em diversas ocasiões, é para a aquisição de roupas, de bens

materiais, ou seja, é uma tentativa daquele indivíduo transgressor se perceber como partícipe dessa sociedade de consumo desenfreado e artificial, uma vez que essa é uma das ideologias dominantes, que pregam a imagem do homem moderno e senhor de si se e somente se vestir determinada roupa, se usar um perfume específico, se dirigir um carro desta ou daquela marca.

Atenta-se, no excerto acima, uma determinada insistência por parte do pedinte, que de forma sutil parece passar de uma esfera, ou seja, da mendicância, para outra, a força. O narrador tenta se afastar, e quase corre, o que demonstra um claro receio em relação ao outro que o aborda. Suas mãos tremem, o que indica medo. O cheque dado reforça a ideia de que deu o dinheiro somente para se ver livre daquele incômodo assédio que o já o atormentava. Mas disse para si mesmo que aquela era a última vez, declarando-se, de forma direta que, na próxima, pois haveria uma próxima vez, seria estabelecido o embate entre aquele que pede e aquele que auxilia. Ou, como outra hipótese, a negação do outro através do ato de ignorar ou evitar. Essa segunda medida é a adotada pelo narrador-personagem, mas sem o devido sucesso:

Ao meio-dia saí para dar a minha volta. Vi que o sujeito que me pedia dinheiro estava em pé, meio escondido na esquina, me espreitando, esperando eu passar. Dei a volta e caminhei em sentido contrario. Pouco depois ouvi o barulho de saltos de sapatos batendo na calçada como se alguém estivesse correndo atrás de mim. Apressei o passo, sentindo um aperto no coração, era como se eu estivesse sendo perseguido por alguém, um sentimento infantil de medo contra o qual tentei lutar, mas neste instante ele chegou ao meu lado, dizendo, "doutor, doutor". Sem parar, eu perguntei, "agora o quê?". Mantendo-se ao meu lado, ele disse, "doutor, o senhor tem que me ajudar, não tenho ninguém no mundo". Respondi com toda autoridade que pude colocar na voz, "arranje um emprego". Ele disse, "eu não sei fazer nada, o senhor tem que me ajudar". Corríamos pela rua. Eu tinha a impressão de que as pessoas nos observavam com estranheza. "Não tenho que ajudá-lo coisa alguma", respondi. "Tem sim, senão o senhor não sabe o que pode acontecer", e ele me segurou pelo braço e me olhou, e pela primeira vez vi bem como era o seu rosto, cínico e vingativo. Meu coração batia, de nervoso e cansaço. "É a última vez", eu disse, parando e dando dinheiro para ele, não sei quanto (*Ibidem*, p.223).

O sentimento de opressão é outra vez sentido pelo narrador-personagem, mas dessa vez com acentuada intensidade. O medo é um sentimento expresso pelo narrador. Nos centros urbanos, em especial, a questão do medo se tornou, sob

muitos aspectos, algo bastante comum. Receio de assaltos, de agressões, de situações extremas, são algumas das sensações que parecem fazer parte do cotidiano de milhares de pessoas que vivem, especialmente, no centro urbano de muitas cidades. O desemprego, a miséria, a necessidade de sobrevivência, por vezes colocam sob o plano do embate direto homens, mulheres e até crianças que, abastados de um lado e miseráveis do outro, protegem o que é seu, no primeiro caso, e reivindicam auxílio, no segundo. O argumento do pedinte é que o executivo tem, ao que parece, a obrigação de auxiliá-lo. Considera-se um desafortunado que mais ninguém possui no mundo e instaura para que o outro, o “doutor”, de maior posse financeira, o ajude.

Novamente, para se encontrar livre de tal situação opressora, o narrador oferece qualquer quantia para o pedinte, demonstrando que já não se encontra no seu estado de normalidade. Mas antes disso vislumbra o rosto do outro, cuja expressão resplandecia, segundo sua visão do outro, cinismo e vingança. Estava claro, portanto, ao narrador-personagem que aquela situação não parecia dar indícios de que iria terminar e só tinha a se tornar mais crítica. O olhar do pedinte transmitia, segundo parecia ao narrador, algo como uma afronta se o que desejasse não fosse atendido. O executivo, dessa forma, parecia se tornar uma espécie de refém daquela situação. Esta, frisa-se, era a sua percepção dos fatos e do outro. Ao sentir-se ameaçado, o executivo demonstra medo para com o outro, pois teme a sua reação mediante a possibilidade de uma negativa mais enfática diante do pedido.

O tom de ameaça do pedinte também é outro aspecto bastante importante na análise da obra e seu conjunto: “senão o senhor não sabe o que pode acontecer”. O outro agora se declara como uma intimidação, uma força opressora que tentará todos os meios para a manutenção disso que considera uma vantagem: conseguir dinheiro através da mendicância. Aos olhos do narrador, tal situação ganha proporções mais drásticas, uma vez que o pedinte, através do olhar, revela o seu lado mau, perverso. O desejo de que aquela seja sempre a última vez não se torna real, pois o pedinte sempre torna a persegui-lo.

Mas não foi a última vez. Todos os dias ele surgia, repentinamente, súplice e ameaçador, caminhando ao meu lado, arruinando a minha saúde, dizendo é a última vez doutor, mas nunca era. Minha pressão subiu ainda mais, meu coração explodia só de pensar nele. Eu não

queria mais ver aquele sujeito, que culpa eu tinha de ele ser pobre?
(FONSECA, 2004, p.223).

O nível da ameaça aumenta. A saúde do executivo debilita-se ainda mais com a situação. O outro é o responsável pelo seu mal-estar, não a vida rotineira e cansativa, não os anos devotados ao trabalho, não o comodismo que demonstra em relação à sua vida e suas obrigações cotidianas. É preciso lembrar que no conto, o narrador apresenta, ao que parece, uma vida que se pode considerar antissocial, não dá indícios de possuir uma família ou qualquer outro tipo de relacionamento social além do profissional. Volta para casa e continua exercendo o mesmo serviço que exerce na empresa. Como já foi dito anteriormente, abria mão da própria vida em nome de sua profissão. Deduz-se disso que tal indivíduo não possa apresentar uma saúde exemplar. Mas ele insiste em afirmar que o pedinte arruína sua saúde, responsabilizando o outro por uma vida desgastante que deve exercer há anos. Isso indica uma impossibilidade de uma autorreflexão, cuja visão de si baseia-se no que de melhor pensa de sua própria pessoa. Se há algo de errado, se sua saúde não se encontra em um estado satisfatório, a culpa não é sua, mas do outro.

A questão da pobreza é, enfim, clareada. O narrador indaga-se sobre a sua falta de responsabilidade para com o estado de pobreza do outro. “Que culpa eu tinha de ele ser pobre?”. Essa é uma postura de individualismo bastante comum nos dias atuais. A situação do outro nunca é minha responsabilidade, nunca os males de um indivíduo são coletivos, mas particulares, conforme a mentalidade de muitos. Um homem, por exemplo, morre na fila de um pronto-socorro. Alguns Argumentarão que ele deveria ter buscado ajuda mais cedo, ou que deveria ter procurado outro lugar para ser atendido. A culpa, dessa forma, é repassada ao outro, não a todos. Contudo, a ineficiência do atendimento público de saúde é responsabilidade de todos, pois os gestores de tal unidade são escolhidos pelos governantes eleitos pela população, o que torna, a princípio, a morte de um assunto de todos.

Se o outro se encontra em uma situação de penúria, se está alheio aos benefícios aos quais tem direito, “que culpa tenho eu”? A vida privada, de fato, somente ao indivíduo importa, mas determinados problemas sociais são de interesse geral. Se se pensar de outra forma, pode-se afirmar que tal sociedade se encontra em um nível de alienação bastante considerável. A tentativa de desvinculação de uma parcela na responsabilidade quanto à miséria alheia é

proposta pelo narrador, que coloca no outro a culpa pela desproporção existente entre ambos. O executivo estudou, trabalhou, buscou o seu chamado “lugar ao sol”. E o outro? O debate, assim posto, vulgariza-se, massifica-se, pois a complexidade das relações sociais não podem ser expressas em termos maniqueístas, em polos antagônicos de bom ou mau, de justo ou injusto, verdadeiro ou falso.

Como tentava de evitar o pedinte e sua insistência, o executivo afasta-se por alguns dias do trabalho. No início sente dificuldade em se adaptar àquele novo cotidiano, mas com o tempo acostuma-se. Passa a se alimentar melhor, dorme mais e fuma menos. Sua saúde revigora-se e torna-se o que ele mesmo denomina de “homem tranquilo”. Mas tal tranquilidade é, um dia, perturbada pela presença do pedinte, que o aborda ao sair para caminhar.

Um dia saí para o meu passeio habitual quando ele, o pedinte, surgiu inesperadamente. Inferno, como foi que ele descobriu o meu endereço? "Doutor, não me abandone!" Sua voz era de mágoa e ressentimento. "Só tenho o senhor no mundo, não faça isso de novo comigo, estou precisando de um dinheiro, esta é a última vez, eu juro!" — e ele encostou o seu corpo bem junto ao meu, enquanto caminhávamos, e eu podia sentir o seu hálito azedo e podre de faminto. Ele era mais alto do que eu, forte e ameaçador (Ibid, p.224).

O pedinte, para surpresa do executivo, conseguiu o endereço deste. Novamente o mendicante expõe sua condição de penúria e afirma que somente o “doutor” é que o auxilia. O narrador, por sua vez, novamente expõe a sua visão do outro sob perspectivas cada vez mais depreciativas, como se percebe no aspecto do hálito, azedo e podre de um faminto. A fome, assim posto, parece conferir ao mendigo um aspecto mais decadente e medonho. Mas a fome é aqui utilizada como forma simbólica para representar a miséria absoluta, pois o ato de alimentar-se é um dos mais básicos na subsistência do homem e quando este não consegue realizá-lo, significa que seus recursos são tão ínfimos que nem o mínimo consegue adquirir para se alimentar.

Observa-se, no fragmento anterior, novamente outra descrição feita pelo narrador sobre o aspecto físico do pedinte, alguém alto, forte e ameaçador. A distinção que se faz, a partir dessa observação do narrador é a de que a sua superioridade está sustentada apenas no caráter financeiro, pois no físico encontra-se em desvantagem contra aquele homem cujo aspecto é temível. Essa distinção física provoca no narrador um acréscimo no seu sentimento de medo para com o

outro, pois ele não está diante de qualquer indivíduo, mas sim perante um que apresenta um físico que os dispõem em um patamar de desigualdade. O narrador, portanto, acredita-se em desvantagem física em relação ao outro. O que fazer diante de uma situação que parece não ter fim e torna-se cada vez mais desesperadora?

O narrador apresenta-se em uma situação limite: O outro já o aborda em qualquer lugar, até mesmo naqueles que o executivo acreditava serem seguros, ou seja, a sua residência. Tem-se, desse modo, uma forma de quase invasão da privacidade do narrador, que parece não se sentir mais seguro em nenhum lugar. Tal sentimento, trazendo para o plano do dia a dia, é bastante comum nas cidades. A ineficácia governamental em lidar com determinados segmentos sociais gera diversas consequências graves, dentre elas o aumento da criminalidade. É quase de praxe uma sociedade, ao se sentir desamparada, tentar buscar a segurança não encontrada pelos meios oficiais e legais por meios próprios. Os linchamentos são um claro exemplo disso. A lei e a valorização do outro, da vida alheia, se desfaz quando a massa se sente insegura e desfavorecida. Homens comuns, pais de família, tornam-se assassinos algumas vezes por tentarem encontrar essa forma de proteção que não foi efetuada pelo Estado. É o que de certa forma ocorre no referido conto de Rubem Fonseca.

Fui na direção da minha casa, ele me acompanhando, o rosto fixo virado para o meu, me vigiando curioso, desconfiado, implacável, até que chegamos na minha casa. Eu disse, "espere aqui". Fechei a porta, fui ao meu quarto. Voltei, abri a porta e ele ao me ver disse "não faça isso, doutor, só tenho o senhor no mundo". Não acabou de falar ou se falou eu não ouvi, com o barulho do tiro. Ele caiu no chão, então vi que era um menino franzino, de espinhas no rosto e de uma palidez tão grande que nem mesmo o sangue, que foi cobrindo a sua face, conseguia esconder (*Ibidem*, p. 224).

O desfecho da obra revela uma verdade cruel, mas bastante comum nos tempos atuais: o "outro" que oprimia o narrador-personagem nada mais era do que um menino, de corpo franzino. O homem que ele acreditava ver, ameaçador e forte nunca existiu, ou melhor, somente existiu para a sua compreensão e percepção daquele outro, que se tornou cada vez mais ameaçador e monstruoso aos seus olhos.

Esse final surpreendente, que desarma o leitor, cuja compreensão dos fatos era direcionada pelo narrador, assimilou um posicionamento que não era seu,

mas do executivo e como este compreendia a situação a qual fora incluído por força das circunstâncias. O corpo do menino, ensanguentado, convida a uma reflexão sobre a nossa própria relação com o outro, que muitas vezes não coaduna com o real ou com aquilo que aquele outro vem a ser verdadeiramente.

A violência que se efetua no contato entre duas realidades distintas demonstra a nossa própria incapacidade de tolerância no que se refere ao outro. Ver através dos olhos desse “outro” é um exercício que poucos conseguem no mundo atual. Interesses particulares, percepção estreita do mundo, nenhuma tentativa de compatibilidade com o outro, geram situações similares no cotidiano das pessoas.

A questão não é, portanto, apontar possíveis culpados, mas suscitar diálogos sobre nossas próprias formas de relacionamento com a alteridade. Em um mundo marcado pelas diferenças sociais, étnicas, religiosas, culturais, sexuais, linguísticas, como o homem está lidando com tanta diversidade e perspectiva de diferenciação? As tensões, como sabemos, são inevitáveis, contudo, alguns desses conflitos nascem apenas da pura intolerância em tentar compreender o outro na sua particularidade, uma vez que o “eu” também é o “outro” aos olhos de quem o vê, o que permite uma conclusão bastante complexa: eu sou o outro e vice-versa.

É possível descobrir os outros em si mesmo, e perceber que não se é uma substância homogênea, e radicalmente diferente de tudo o que não é si mesmo; eu é um outro. Mas cada um dos outros é um eu também, sujeito como eu. Somente meu ponto de vista, segundo o qual todos estão lá e eu estou aqui, pode realmente separá-los e distingui-los de mim. Posso conceber os outros como uma abstração, (...) uma sociedade desconhecida, estrangeira, cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie (TODOROV, 2003, p. 3).

O estranho, o diferente, o incomum, faz parte do campo social humano. Não tentar compreender essas diferenças, muitas delas naturais, é reproduzir uma postura que inevitavelmente recai em intolerância e violência, em extremismo doentio que vitimiza milhares de pessoas ao redor do mundo, homossexuais, negros, palestinos, marginalizados, indígenas, pedintes, apenas por se mostrarem diferentes aos olhos daquele que institui, arbitrariamente, dogmas de normalidade que, de fato, não existem. O normal, o regular, o certo, o padrão, por assim dizer, jamais existiu, são apenas convenções estipuladas que muitas vezes não são

capazes de abarcar toda a multiplicidade de pensamento, postura e ideologias que o homem estabelece e cria para si mesmo. Ver esse outro como errado, em contraposição com o “eu”, ou como algo desprezível, é compactuar com torturas, genocídios, guerras e outras demonstrações de violência injustificadas pautadas na impossibilidade de confiança no outro.

Atmosferas de insegurança são fatores responsáveis por dificuldades de integração social e tensões no campo da vida pública. A problematização da possibilidade de confiar no outro, com o estabelecimento de uma relação pautada muito mais nos interesses privados do que públicos, na insegurança do que na integração coletiva, está presente na pauta dos problemas da contemporaneidade (GINZBURG, 2013, p.68).

Considerações finais

Desse modo, partindo-se da interpretação do conto **O outro**, de Rubem Fonseca, obra atemporal por levantar questões bastante atuais e significativas para o contexto social vigente, é possível deduzir que medo e insegurança estão se tornando sinônimos de violência e distanciamento na contemporaneidade, uma vez que as relações sociais, como notadamente expressas pelo escritor brasileiro, estão assumindo contornos cada vez mais problemáticos. Tal problemática decorre, primordialmente, das formas de assimilação e/ou confronto entre o “eu” e o “outro”.

Assim, o conto **O outro**, antes de mais nada, pode ser compreendido como uma profunda reflexão acerca do modo como as pessoas vem reagindo à violência desenfreada que invade o cotidiano. Nesse sentido, o medo do “outro” provoca as mais variadas reações, dentre elas, o distanciamento e a demonização do “outro”. Esses fatores acarretam uma atitude de negação e afastamento que pode gerar consequências drásticas, conforme identificamos no desfecho da narrativa.

Enfim, Rubem Fonseca, por meio de sua prosa, consegue conduzir o leitor por situações que podem parecer chocantes e cruéis, especialmente pelo destaque que confere à violência, mas que nada mais são do que um reflexo da sociedade em que vivemos permeada de contradições, na qual a questão da alteridade é explicitamente atravessada pela violência.

Referências

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**; tradução Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998.

_____. **Vidas desperdiçadas**. Tradução Carlos Alberto Medeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BOGO, A. **Identidade e luta de classes**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FAORO, R. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

FIGUEIREDO, E. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

FONSECA, Rubem. **64 contos de Rubem Fonseca**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2008. p. 1-16.

GINZBURG, J. **Literatura, violência e melancolia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

MONTI, T. **Escritores e assassinos - urgência, solidão e silêncio em Rubem Fonseca**. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-30092011-162517/>>. Acesso em: 2015-12-17.

TODOROV, T. **A Conquista da América: a questão do outro**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Recebido em 01 de março de 2015

Aprovado em 14 de dezembro de 2015